

## Café da manhã



“É difícil viver pela razão a todo o momento!”.

I - A colina:

A juventude traz muitos sonhos e uma esperança quase que inabalável. Isso é o que todos dizem, porque na verdade a esperança é uma forte ilusão, que pega de assalto os ingênuos e os distraídos. A esperança é como o alto de uma colina, onde se pode ver, mas sabe-se que é inalcançável.

Do alto da colina sente-se o vento sudoeste se aproximando. Numa brisa fresca e insistente que toma toda a costa e, conseqüentemente, agita o mar.

É preciso sentir o gosto salgado do mar, embora a água se resfrie ao vento, é preciso molhar as mãos nas abençoadas águas do oceano e sentir o sabor fortificado que provém do verde azulado. É preciso escolher, entre viver ao mar ou no alto de uma colina.

Lembrou-se do tempo em que havia flores e pés de pitanga a embelezar a sua paisagem. Lembrou-se de tantas coisas naquele momento. O mar sempre lhe trazia estas sensações nostálgicas. Seu peito apertou e ela decidiu

desanuviar seus pensamentos voltando a caminhar, dormiu na praia, quando por fim, o cansaço se apoderou do seu corpo frágil.

II Ao mar:

Semanas antes...

Era manhã de Sábado, de mais um final de semana vadio sem nada para ter o que fazer além da poesia em solidão. Embora ainda fosse outono, o sol bailava no céu como nas tardes quentes de verão. O dia se fazia bonito, quase perfeito.

Maria desenhava a face contida na memória, suas mãos traçavam o rosto da mulher com delicadeza, pensando em cada sorriso. Vez ou outra olhava pela janela da sala, sorria de canto de boca quando os pardais cantavam na goiabeira, para outras vezes deixar a seriedade tomar conta de sua expressão quando as palavras na melodia caminhavam da arte para a realidade. Ouvia a canção como quem arranca a alma com as próprias mãos. Cantava alto.

Maria era destas mulheres que tinha mania de amar o que lhe era proibido e não sabia esconder seus sentimentos, inda que tentasse.

- Bom dia! Ouviu do lado de fora da porta, mas não levantou, sabia quem era e que quase todas as manhãs ela vinha fazer-lhe companhia.

- Bom dia! Respondeu.

- Dormiu bem mocinha? Aposto que dormiu tarde, bebeu vinho. Completou abrindo a sacola de compras.

- Dormi bem e bem tarde sim. Enfim... E você? Respondeu desviando o olhar e ajudando com o preparativo para o café da manhã.

- Dormi bem. Dormi cedo, acordei cedo, já fiz minha caminhada e você, deveria saber que as madrugadas foram inventadas para o descanso e que precisa se cuidar melhor. Repreendeu encarando-a nos olhos.

- E para a poesia também. Retrucou Maria. – Quanto a me cuidar, bem, você cuida tão bem de mim que não preciso fazê-lo.

Maria a viu sorrir e percebeu uma sensação agradável correr em seu peito, amava quando ela sorria daquela forma divertida e inocente. Serviu a mesa enquanto ela coava o café e mostrou o desenho inacabado.

- Fiz arte para você Luisa. Comentou.

A mulher perdeu-se por instantes com os olhos no desenho, sentindo o arrepio que correu em sua espinha ao tocarem os dedos. Tentou disfarçar, mas Maria percebeu.

- Ora, se esta não sou eu!? Está muito lindo. Elogiou emocionada. - Eu quero este pra mim. Completou.

- É seu. Bem, vamos tomar nosso café? Disse Maria tentando sair daquela situação.

Luisa colocou o desenho sobre a mesa e serviu o café acompanhado de pão caseiro e geléia, que Maria tanto gostava. Falaram sobre o tempo, o clima e o que fariam naquele dia que começava azulado.

Maria devorava cada palavra, observada os gestos, a forma como se expressava com as mãos ao falar, o modo como seus olhos ficavam miúdos ao sorrir... Tudo em Luisa a agradava, amá-la, tornava-se inevitável. Muitas vezes, tinha vontade de olhar em seus olhos sem medo e dizer o quanto Luisa tinha se tornado importante para ela, que as manhãs eram o melhor do seu dia por ter sua companhia e que quando ela não vinha para o café, o dia ficava triste e vazio.

E realmente ficava.

Nas manhãs em que Luisa não aparecia, Maria não se dava ao trabalho de levantar da cama, amargava a tristeza em silêncio e quase sempre chorava. Perdida entre céus de nevoeiros, dedicava suas horas a desenhar, a ler poesia, a preparar a aula do dia seguinte e a pensar em Luisa, sobretudo.

- Você poderia aproveitar o dia para passear, o dia está tão bonito, assim você poderia tirar algumas fotos e me mostrar à noite. O que acha? Perguntou Luisa tentando animá-la.

- Acho que não tem graça alguma sair sozinha por ai com tanto trabalho a preparar para segunda-feira, mas quem sabe eu sigo sua sugestão, afinal hoje é sábado. Piscou de canto de olho e sorriu irônica. – Você parece a minha mãe, sabia? Provocou.

- Sabia. Mas não sou a sua mãe, viu? Retrucou Luisa não gostando nada do comentário.

- Viu. Viu. Disse Maria fechando a cara.

Luisa notou o quanto a expressão de Maria havia mudado. Não gostava quando Maria a comparava com sua mãe, ou com mãe qualquer, a última coisa que ela queria era fazer o papel de mãe em sua vida. Embora soubesse que Maria adorasse o carinho que ela lhe dava, não gostava destes comentários provocativos.

- Você precisa perder esta mania de que eu lhe trato como sua mãe, isto não é verdade. Ora. Acrescentou tentando quebrar o silêncio imposto pela amiga.

Maria olhou de soslaio para a mulher a sua frente, e respirando fundo respondeu:

- Ora? Quem sabe se você parar de agir como minha mãe eu paro de lhe comparar.

Luisa largou o bule sobre a mesa da cozinha, apoiou as mãos e balançou a cabeça. Viu que Maria a olhava séria, mas não queria continuar aquele tipo de diálogo, queria apenas entender o que se passava. Sabia que Maria vivia dentro de enormes muralhas criadas pela dor, mas há muito tempo tinha prometido a si mesma derrubar cada pedra que envolvia Maria em proteção ilusória. Pensou por um instante e fazendo um gesto para que a mulher lhe ouvisse, perguntou:

- Maria, por que você está na defensiva comigo? O que houve? Perguntou aproximando-se de Maria e encarando-a nos olhos preocupada.

Maria não respondeu, afastou-se e caminhou até a sala com o desenho na mão, sentou-se na poltrona que dava frente para o quintal e começou a rabiscar. Precisava concentrar sua atenção em algo que evitasse a denúncia, mas para seu desespero Luisa sentou-se diante a poltrona e insistiu:

- Não vai responder a minha pergunta Maria?

- Eu não estou na defensiva com você Lu. Tentou amenizar, virando o rosto.

- Você está sim na defensiva comigo e faz tempo. Repetiu tirando a prancheta de suas mãos para segurá-las.

- Não estou. E não me conteste que a contestadora aqui sou eu. Está tudo bem. Desconversou.

Luisa levantou-se contrariada e ajeitou a cozinha. Sabia que algo de errado se passava com Maria, mas não sabia o que. Mil pensamentos lhe surgiam na cabeça e a agonia no peito nunca falhava, conhecia Maria, muito mais do que ela imaginava. Respeitava seus momentos porque conhecia a dor que Maria suportava silenciosamente há tanto tempo. Fazia de tudo para estar ao seu lado e cuidava dela com carinho imenso. Tentava dividir o seu tempo entre o trabalho, família e a presença de Maria em sua vida.

Luisa caminhou até a porta, abriu e ameaçou sair. De súbito voltou, beijou os cabelos de Maria e sussurrou em seu ouvido:

- Eu amo você Maria. Mais do que você imagina.

Maria tremeu ao ouvir a declaração inesperada. Sentindo as mãos dela em seu rosto e o sussurro invadir seus pensamentos, olhou em seus olhos, atônica nada conseguiu dizer. Tocou a mão da mulher e ficou ali vagando em seus olhos. Queria dizer que também a amava, mas a voz não saía.

Luisa fechou os olhos por um segundo e tendo a realidade falando mais forte virou de costas e saiu, deixando Maria mergulhada num precipício desconhecido.

“Meus Deus o que foi que eu fiz?” Perguntou para si mesma enquanto caminhava de volta para casa aos passos largos.

Luisa estava trêmula, agoniada. Por tanto tempo havia tentado manter seu amor por Maria num lugar quieto do seu coração, fazia de tudo para ela não perceber e agora não entendia como havia despejado aquelas palavras inconfessadas e proibidas. Sabia que tinha feito uma grande bobagem ao declarar seu amor, sendo que não poderia amá-la, como gostaria.

Do outro lado da cidade Maria se perdia com a voz de Luisa presa em seus ouvidos. Oscilava entre felicidade e agonia. Não sabia como deveria reagir diante uma situação tão delicada como aquela. Amava Luisa de uma forma que não era capaz de medir o amor, apenas sentir, mas mantinha em segredo o sentimento que nascia e aumentava sem controle. Maria nem ao mesmo sabia definir exatamente quando foi que isto tinha acontecido, só sabia que um dia tinha acordado e se dado conta dos sentimentos que moravam em seu coração.

Luisa tinha se tornado seu cais, aos poucos, todos os dias, mas ela nunca soube qual foi o momento exato em que o amor passou a fazer parte da sua vida. Já tinha se apaixonado antes, perdidamente, dedicando todas as suas energias a um sentimento, pelo qual ela desistiu de tudo, carreira, trabalho, família, amigos... Mas Maria sempre amou sozinha, embora tivesse levado algum tempo para descobrir isto. Agora era diferente, Luisa a tratava como se ela fosse à única pessoa no mundo, a amava de forma compensadora e bonita, cuidava, acarinhava, estava sempre presente.

*“É engraçado como a maior parte das pessoas pode estar perto de alguém e gradualmente começar a amá-lo, mas jamais saber quando foi que isso aconteceu”. (Do livro: Tomates Verdes Fritos.)*

Maria amava Luisa, respirava Luisa, vivia Luisa, cantava Luisa, desenhava Luisa, mas Luisa não apareceu na manhã seguinte e nas semanas que se seguiram a ausência marcou presença em suas manhãs.

“Como pode dizer que me ama e desaparecer?” Perguntava para si mesma, por que na verdade, Luisa não estava ali para ouvir.

A madrugada parecia interminável, Maria rolava na cama de um lado para o outro como quem tenta encurtar as horas. Seus pensamentos arranhavam seu peito agoniado. Levantou e deitou algumas vezes, esperando o dia clarear, sabia que quando o sol despertasse, as ocupações diárias tomariam boa parte do seu tempo. Decidiu sair. Estava há tanto tempo presa em casa, saindo apenas para trabalhar e deixado a vida social de lado, como se pudesse se defender, proteger seu coração de novos sentimentos vindos de um olhar noturno qualquer que se encantasse com os seus... Mas foi em vão. Fugira desesperadamente do amor, simplesmente por não querer acreditar mais no amor, mas o dito cujo resolvera bater na porta de sua casa e invadi-la de maneira inesperada e intensa.

“Amor, amor... O que é o amor, senão um traje disfarçado da dor?”  
Pensava enquanto caminhava pela noite a procura de um lugar para sentar e ouvir boa música.

Já era manhã, quando decidira voltar para casa que abrigava poemas e silêncio. Caminhou pela praia, sentindo o calor do sol nascente em sua face, tirou os sapatos, sentou-se na areia, permitiu-se ficar ali diante o mar que parecia fazer par com sua melancolia. Perdeu a noção do tempo e do cansaço. Dormiu na praia, tendo o sol como testemunha.

### III Além da colina:

Além da colina existe o mar, que por vezes se torna calmo, azulado, morno e abriga sensações imaginárias, capazes de traduzir os sentimentos humanos de forma única, mas este mesmo mar, repleto das belezas insistentes e necessárias, outras vezes se torna revoltado, deixando-se levar pela fúria de suas constatações, produzindo sons estridentes e melódicos ao baterem nas rochas, ao cravar-se na areia e redesenhá-las.

Luisa temeu encarar os olhos de Maria, não queria ferir seus sentimentos, criar-lhe ilusões, esfarrapar sua amizade e ao mesmo tempo não queria encarar suas próprias emoções. Amava Maria, mas não sabia se ela já havia se libertado da dor para mergulhar de cabeça num novo amor, a própria Luisa não sabia se de fato estava pronta para vivê-lo.

O amor, por mais inofensivo que seja, por vezes se torna cruel.

Tentou inventar palavras que pudesse fazer Maria desculpá-la pela revelação amorosa ou pela ausência, mas não conseguiu, decidiu encará-la de vez e saber como estava. As palavras surgiram de forma natural. Sentia imensa falta de Maria, das manhãs ao seu lado, das conversas divertidas, do riso tímido, do olhar terno de Maria... Imaginava se Maria também sentira a sua falta, desejava que sim, temia que não, pensava coisas absurdas naqueles dias de ausência insólita.

Luisa permaneceu nas colinas, longe do mar, próxima ao medo, longe do amor, junto às lembranças, distante até de si mesma.

Bateu na porta e o som fora seguido de um bom dia que não obteve resposta. Procurou Maria pela casa, mas não a encontrou. Foi até a varanda e pode ver, ao longe, alguém sentado na praia. Desceu as escadas de madeira e caminhou sem pressa pela areia. Visualizou Maria e uma sensação fina correu-lhe o corpo trêmulo, respirou fundo, resolver ser valente, aproximou-se.

Maria notou sua presença, e embora sentisse a vontade de sair correndo ao seu encontro, permaneceu imóvel, não distribuiu palavras.

Luisa sentou ao seu lado, permaneceu alguns segundos intermináveis em silêncio, arriscou:

- Bom dia?

- Só porque o sol já nasceu? Ainda é boa noite para mim, Lu. Suspirou.

- Como você está? Ousou perguntar, querendo dizer tantas outras coisas.

Maria ajeitou-se na areia, esticou as pernas, olhou para Luisa, desviou o olhar, atirou uma pedrinha na água...

- De ressaca. Respondeu por fim.

- Não foi isso que eu quis dizer, você sabe que...

- Eu sei. Interrompeu Maria. – Mas também sei que esta pergunta é um tanto vazia, vinda de alguém que um dia revela os sentimentos para no dia seguinte desaparecer da minha vida, como se as palavras não tivessem poder, nem importância. Acho engraçado como o ser humano banaliza as palavras, sendo elas dotadas de vida própria. É como banalizar os próprios sentimentos. Prosseguiu.

- Confuso e revoltante, não é mesmo?! As palavras são livres e nós humanos, que as criamos, é que nos tornamos prisioneiros delas.

- Sim. Respondeu Maria deixando seus olhos se perderem no mar, para não falar o que realmente desejava.

- Maria, eu sinto muito... Eu...

- Não se desculpe.

- Senti sua falta.

- O café da manhã nunca mais foi o mesmo. Respondeu.

- Mas agora estou aqui. Defendeu-se Luisa.

- Seu silêncio me deixou mais confusa do que as suas palavras.

Luisa levou as mãos a cabeça, mexeu nos cabelos, não sabia como quebrar aquela muralha imposta por Maria, queria se abrir, mas a outra parecia machucada.

- Não planejei me afastar de você, aconteceu, eu precisava entender, refletir. Não queria bagunçar sua cabeça meu bem.

- Preferia que não tivesse dito que me amava ou simplesmente que não tivesse me deixado só. Foi difícil. Mas se você preferir, podemos fingir que nada aconteceu e seremos boas amigas, como antes, não precisamos complicar o que pode ser fácil.

- Eu não quero mais fingir Maria. Respondeu, enfim, aliviando-se do peso de um sentimento que acreditava ter que guardar só para si.

Maria suspirou profundamente, como se o mar a invadissem por completo.

- Eu também não. Concluiu tocando o rosto de Luisa com as mãos e beijando-lhe os lábios com delicadeza.

- Você está cheia de areia Maria. Disse passando a mão em suas costas.

- Eu peguei no sono. Riu a mulher.

- Maria, Maria... Abraçou-a e permaneceram ali sentadas na areia da praia pelo resto da manhã que se fazia presente, sem precisar dizer mais nada ou se defenderem das palavras que as consumiram, mas que agora, já não tinham tanto valor.

Era preciso apenas caminhar, sem pressa alguma, descer do alto de suas colinas improvisadas, criadas para as defesas do amor, para estarem ao nível do mar e sentir o poder e a força que só a natureza é capaz de trazer aos sentimentos. Permitiram-se, porque amar, já não parecia tão perigoso, nem cruel.

“É difícil viver pela razão a todo o momento!”.

\*\*\* *FIM* \*\*\*

*Léa Ferro. SP. 30-05-2010.*

*Copyright © Léa Ferro. Todos os direitos reservados.*